

«O TEMPO E O MODO» N.º 49

Provas enviadas à Censura em

16. de 6..... de 1967



A GUERRA DO PELOPONESO VIRÁ DE NOVO?

O golpe de Estado de 21 de Abril passado comprovou que o regime parlamentar, a democracia erigida sobre partidos, é perigoso para as estruturas sócio-económicas de um país como a Grécia. Segundo afirmou o coronel Georges Papadopoulos, uma das cabeças do golpe militar, «o movimento teve apenas um objectivo: salvar o país do perigo comunista e não, como se quis fazer crer, impedir a vitória eleitoral dos partidos liberais.» Mais do que uma história com vários comparsas, a recente crise helénica, pelos vários factores que deslocou, pode ser vista como mais um degrau da revolução permanente naquele país do sul dos Balcãs; e mais do que os nomes de pessoas, mais ou menos ilustres, que figuram no repositório, interessa saber os nomes dos interesses que estão em jogo. Por outro lado, a acreditarmos em Papadopoulos, procuremos saber a força dos comunistas e o que eles significam nesta tragédia em que o rei Constantino é o corifeu.

I — INTRODUÇÃO À HISTÓRIA

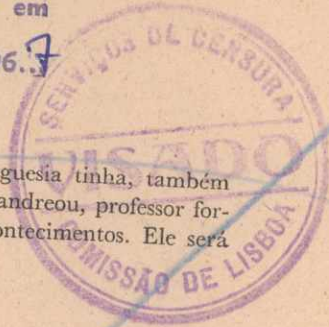
A Grécia, pequeno país montanhoso, é governada por 1.000 famílias que controlam 40% dos rendimentos nacionais. Sabemos que algumas destas famílias ascendem ao primeiro plano do internacionalismo financeiro e controlam outros pequenos reinos onde os interesses e o capital são os verdadeiros monarcas. Estas mil famílias constituem naturalmente as forças políticas da direita, desde as mais extremistas até à centro-direita que é a União Radical Nacional de Canellopoulos, e mais do que personalizados em Constantino, são arregimentadas em torno de Frederica, a «Rainha de ferro», de origem alemã.

Sob esta oligarquia poderosa, uma vasta média e pequena burguesia cerca Georges Papandreou e o partido da União do Centro que, por pressão das forças sociais e económicas, se tornaram revolucionárias e aliadas da extrema-esquerda, cuja parte visível é um partido chamado EDA. Nesta conjuntura, e já que o exército veio a ter papel preponderante no que se passou, tentemos lobrigar o que era e o que é o exército grego.

É evidente que se os contingentes militares são formados pelos corpos saídos da burguesia e do povo, os lugares chaves são controlados pela oligarquia, cujo chefe-supremo é o rei Constantino, ele mesmo. Porém, isto nem é tão correcto na medida em que surge algo que desmente este pressuposto: a «Áspida». O que é a «Áspida?» Uma organização de oficiais, uma organização clandestina à maneira das velhas lojas maçónicas, de que foram cabeças o filho de Georges Papandreou, Andreas Papandreou, o antigo ministro da União do Centro. Pavlos Varnidoyanis, e, ao que parece, o general Georgiadis. O que pretende a «Áspida?» As suas pretensões resumem-se a dois *slogans*: «o exército pertence à nação» — «o exército está acima dos políticos». O que quer a «Áspida»? A libertação do exército das mãos da oligarquia, a destituição do Rei Constantino de seu comandante-em-chefe.

Se nada comprova, ou até à data comprovou, que Andreas Papandreou fosse de facto

6



a cabeça da «Áspida», comprova por outro lado que a média burguesia tinha, também ela, chegado aos portos-chaves do exército grego. Aliás, Andreas Papandreou, professor formado na Califórnia, representará de causa visível para todos os acontecimentos. Ele será o «herói» da nova tragédia.

II — AS PREMISSAS DA HISTÓRIA

É nesta paisagem de uma oligarquia toda-poderosa, de uma média burguesia descontente e estorada, de um campesinato na miséria, de um proletariado inexistente e de um «lumpenproletariat» numeroso que as coisas se vão passar sem nada de transcendências. A média-burguesia quer sacudir dos ombros o fardo das mil famílias, e apoia-se no resto da população que poderá constituir o grosso da coluna comunista. A oligarquia quer manter a sua situação e seus privilégios. Os outros querem alguma coisa mais e nenhuma das anteriores.

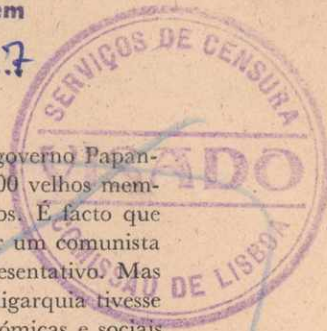
O *statoquo* é mantido pelo rei Constantino que se serve da Áspida e de Andreas Papandreou como de uma dádiva dos deuses para lançar no parlamento os partidos uns contra os outros, provocar as crises ministeriais sucessivas e assim ganhar tempo. Porém, este tempo vai agravando a situação, vai agitando as classes revolucionárias que começam a mostrar os dentes e a inquietar. Porém, este ganhar tempo serve para preparar um futuro golpe de direitas que poderá vir a salvar o rei, as direitas e os ícones.

Papandreou apercebe-se do jogo. Ele acusa o monarca: «Constantino age mais como chefe-de-partido do que como monarca constitucional», o que é um facto. E mais tarde, TA NEA, o jornal de Papandreou, proclama: «Se o rei escolhe o golpe de estado, a única solução é a revolução». E, por fim, o ex-primeiro ministro lança a sua última ameaça: «Não aceitamos ser escravos e ninguém tem o direito de se tornar um tirano». Se a direita se prepara para dar o golpe, parece crível que o centro e a esquerda unidas se preparam também para chegar primeiro. Mas foi o exército, livre da «Áspida» e sem o consentimento do rei (mas segundo consta com o acentimento da Rainha — «antes ser rainha um só dia...») quem se antecipou. Perante a eminência de um risco definitivo a oligarquia não teme sequer acabar com a monarquia, o que é lógico. Ao fim e ao cabo, o exército tinha aprendido a lição da «Áspida»: «o exército está acima dos políticos». Sim, dirá Andreas Papandreou, mas ao nível das classes.

III — A HISTÓRIA

21 de Abril. O exército, comandado pelo coronel Papadopoulos, toma conta do poder. Segundo afirma o novo ministro do Interior, Pattakos, são presos 6509 comunistas, dos quais 1328 serão soltos mais tarde. São presos os principais chefes políticos, incluso Georges e Andreas Papandreou, são suspensas as garantias individuais e chega-se a falar no restabelecimento da pena de morte para crimes políticos. Segundo o mesmo Pattakos tinha sido «evitado o perigo de uma guerra civil». Encarcerados os edistas e os centristas no estádio de futebol Karaiskakis e no campo de prisioneiros reaberto na ilha de Yura, encarcerado o general Georgiádis, o ministro dos negócios estrangeiros cipriota vem a Atenas saber novas e mandados. O mais curioso é que nas vésperas do golpe de estado o *New York Times* afirmava: «O rei Constantino, se Papandreou ganhar as eleições de Maio, não lhe confiará o encargo de formar o novo Governo: (Há também quem lhe chame informação!).»

O perigo comunista que, na verdade, tinha subido, não era porém e desde já uma grande ameaça. É facto que em 1965 o EDA, União Democrática da Esquerda, contava



com 46.000 filiados e o EDA — juvenil com 30.000. É facto que durante o governo Papandreou (de Fevereiro de 1964 a Julho de 1965) tinham sido amnistiados 1.000 velhos membros do partido comunista o que permitiu a reorganização dos seus quadros. É facto que durante o mesmo governo tinha assumido as funções de ministro do Interior um comunista o que, no dizer de Georges Papandreou, tornava o seu governo mais representativo. Mas é facto também que Georges Papandreou é um anti-comunista e que se a oligarquia tivesse caído neste momento, cairia Constantino e a velha ordem, e as forças económicas e sociais sairiam do actual beco sem saída para cair noutra. Como é facto ainda que o triunfo do golpe de Estado é apenas um episódio. Pelo menos há quem diga que já o movimento de resistência se está a organizar e que as vertentes do Pindo estão a ganhar vida. Veremos quem, quando e como será capaz de descobrir o caminho.

IV — A MORAL DA HISTÓRIA

A crise grega culminada em 21 de Abril diz-nos várias coisas que resumiremos no que se segue:

- a) O regime de democracia parlamentar num país como a Grécia é, por natureza, impossível;
- b) as oligarquias não estarão dispostas a sacrificar a sua posição em nome da verdade absoluta do parlamento;
- c) o triunfo das forças de esquerda na Grécia não se tornou possível dado não haver um partido comunista com capacidade de conduzir a luta;
- d) na contingência, ela foi conduzida por Papandreou que se receava o peso da oligarquia, receava também a força das esquerdas;
- e) as oligarquias gregas estão dispostas a fazer voltar o jogo ao princípio, e assim sucessivamente.

Depois da guerra civil acabada em 1949 em que os comunistas foram vencidos, parece não haver mais dúvidas que, tarde ou cedo, os dados voltarão a ser lançados.

N. R.

Provas enviadas à Censura em

30 de Junho de 1967

seus livros poderíamos ser procurados, lidos, necessários.

*

Em 1955 — numa tarde em que via provas de Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma, — a que era a maior escritora portuguesa viva disse-me que dois anos antes entregara a um editor o original dum livro seu e aguardava uma resposta, Que livros terão sido editados nesse ano?...

1955 deve ter sido para Irene Lisboa um ano singular: completamente esquecida por todos, encontrara finalmente um editor para os livros que amontoara durante anos e anos de silêncio. Talvez então não se encontrasse nas livrarias um único livro seu: guardava ela alguns exemplares que ia oferecendo aos raros que lhe manifestavam algum interesse por conhecer a sua obra, restos das edições que fizera à sua custa, fazendo dívidas que depois saldava, como confessou.

Sentia-se envelhecer, fugir-lhe às últimas forças, talvez sem desgosto, por nada e ninguém tentar retê-la, dar-lhe uma prova da sua necessidade. O afã em que consumiu os últimos anos da sua vida, juntando materiais para os livros que conseguiu publicar, deve ter sido carregado de irremovíveis ameaças da morte. E para que a sua obra fosse uma vez mais presa de circunstâncias adversas, a morte não a deixou publicar todos os livros que anunciou a entrar no prelo e em preparação.

*

O exemplo de Irene Lisboa pode oferecer-nos matéria para reflexões sobre diversos aspectos da nossa cultura, entre os quais: relações entre escritores e editores, missão da crítica literária e sua influência sobre a massa dos leitores, função e orgânica dos prémios literários, missão da Universidade, importância dos órgãos de informação na formação da mentalidade nacio-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

110



nal, etc., etc. Porque o comportamento da cultura nacional perante o caso de Irene Lisboa põe em causa os seus fundamentos, a autoridade dos seus mentores, a legitimidade das posições assumidas nos seus diversos aspectos.

Se alguém aponta quem sucumbiu a uma culpa colectiva é para tentar obter a isenção do remorso que lhe cabe. Falar na obra de Irene Lisboa tem de ser ainda uma invectiva contra o silêncio que a prendeu e isolou, a denúncia duma engrenagem que devora os que não acompanham os seus ritos. Quem o fizer deverá ter presente que o exemplo que aponta pode não ser o mais gritante e muito menos o último: clamar contra a incompreensão, o egoísmo, os pactos tácitos que tudo destroem no silêncio e na sombra é falar sempre no presente e bradar num vazio sem limites. Invocar a incompreensão de um Gide para Marcel Proust ou as vaiaas com que Paris acolheu a Sagração da Primavera, como exemplos da impermeabilidade do génio ao espírito violentamente inovador e da reacção retrógrada também possível num grande meio lá de fora, não é mais que procurar cumplicidade e complacência para um processo de destruição que se arrastou anos e anos.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

*

Completamente ignorada pelos leitores que sabem que existem um Camões e um Gil Vicente, um Camilo e um Eça, um Aquilino e um Ferreira de Castro, um Régio e um Torga, um Fernando Namora e um Alves Redol, Irene foi também desprezada por aquele público que se pretende melhor informado e mais actualizado, porventura mesmo entusiasta dos vanguardismos, formado por críticos e pseudo-críticos, jornalistas e escritores de várias índoles e ambições e por aqueles que fazem dum interesse especial pela arte e pela literatura uma forma de mundanismo (amadores de exposições, conferências, colóquios, sessões de autógrafos, espectáculos em que o ser visto é tão importante como o ver). Ela a si própria se chamou uma aberrativa, julgo que sem grande mágoa por o ser.

///

«O TEMPO E O MODO» N.º 39
Provas enviadas à Censura em
30 de ~~maio~~ de 1967

O Papa e os adjectivos

O Papa regressou ao Vaticano. Só Deus, na sua Divina Providência, pode apreender inteiramente o que foi esta jornada gloriosa, inenarrável, que perturba o jornalista e que consistiu na presença física de Paulo VI em Fátima.

Mais exactamente: não é possível a um ser humano — a menos que a tivesse presenciado e vivido e sentido no próprio coração e na própria alma — avaliar o que constituiu a visita do Santo Padre à Cova da Iria.

Não vale a pena alinhar adjectivos. Porque os adjectivos constituem, na maioria das vezes, a muleta daquilo em que sentimos dificuldade de nos exprimirmos completamente.

Mas quem acompanhar, como nós esta visita, tão rápida, que nos deixou como que em dúvida sobre a sua realidade, por tal forma perturbante ela foi, não necessita de qualquer muleta. Porque tudo se revelou cristalino, singelo, etéreo, mirífico.

Diário de Notícias, 14-5-967

Evtuchenko e a conversão da Rússia

Se atendermos ao facto de que tudo quanto de imponente e sublime se passou em Fátima, no decorrer das cerimónias do 13 de Maio p. p., fora um autêntico designio da Providência, há que ver nesse milagre a breve confirmação duma das principais «Revelações» de 1917 — A conversão da Rússia!

Em Fátima esteve presente a tão extraordinárias cerimónias de penitência e fé, uma alta personalidade da literatura soviética — o director duma revista, para jovens, com um milhão e meio de leitores! Quer isto dizer que a boa e heroica juventude da grande e poderosa U. R. S. S. se fez também representar no ano Jubilar das Aparições da Cova da Iria.

Essa representação, ainda que particular, foi confiada a um puro marxista e que deve ser da inteira confiança do Kremlin; mas isso não obsta que tal «camarada» tenha vindo com uma intenção e a Moscovo



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

124

chegue certamente com outra bem diferente...

Só os versos ou a prosa desse jovem de 33 anos que veio a Portugal para assistir às cerimónias do 13 de Maio de 1967, nos mostrarão a verdade. Todavia arrojamos esta opinião: confiamos em Ievtuchenko!

Notícias de Basto — 3-6-967

Mercês honoríficas

Foram atribuídas as seguintes condecorações: *Ordem Militar de Cristo, grã-cruz, ao sr. P. W. Botha, ministro da Defesa da República da África do Sul; Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, oficial, ao sr. Alfredo Kraus Trujillo, de nacionalidade espanhola; Ordem do Infante D. Henrique, srs. almirante Ernesto Giuriatti, italiano, grã-cruz; coronel Carlos Maria do Carmo e eng.º Armando da Palma Carlos, Alfredo Augusto Macedo dos Santos Junior e José Pena Pereira da Silva com o grau de grande oficial.*

Diário de Lisboa — 12-4-967

Alentejo, 67

Por todas as nossas províncias alentejanas, se está esboçando um mal terrível que não pode deixar de ser desastroso para a Humanidade, num futuro muito próximo.

Em Gavião, ridente concelho do nosso distrito, o caso está a tomar um aspecto aterrador. Terras que eram semeadas de arroz, legumes e milho, não estão exploradas.

Outras que davam trigo, estão a ser plantadas de eucaliptos. A palha que se produz já não é suficiente para pensar o gado. Já não há facilidade em arranjar pastores e ajudas para o mesmo. Os homens válidos vão para França e outros países. Os rapazes procuram emprego, abandonando a vida agrícola. Receia-se que desapareçam os podadores de sobreiros e oliveiras, assim como os atradores de cortiça.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

125

«O TEMPO E O MODO» N.º 49
Provas enviadas à Censura em
30 de Novembro de 1967

Tudo isto, claro, afecta a lavoura, já tão sacrificada, oferecendo-nos perspectivas de tristes e desoladoras consequências.

A Rebeca — 11-5-967



Arte de empobrecer alegremente

Algumas regiões do País continuam a ser flageladas por pragas de gafanhotos que deixam atrás de si um rasto de desolação e de miséria. Não fica nas árvores uma folha, um fruto, um vestígio de verdura. É uma onda de destruição que arrasa pomares, hortas e searas. Povoações inteiras sofreram já as terríveis consequências do flagelo e outras estão seriamente ameaçadas à medida que as legiões famintas de gafanhotos avançam. Os serviços oficiais não ficaram, porém, de braços cruzados. O combate aos acrideos está a ser levado a efeito por vários processos, alguns bastante primitivos, diga-se de passagem. Os lavradores, no entanto, queixam-se de que os socorros são tardios, portanto inúteis, e, em alguns casos, inoperantes. As terras assoladas pelos vorazes roedores não produzirão este ano as habituais colheitas. As culturas ficaram destruídas e não haverá processo de fazer novas sementeiras, nem de fazer recuar o tempo para conseguir novas florações. A crise crónica de que a agricultura sofre entre nós, e para a qual os químicos não descobriram ainda o anti-biótico providencial, vem juntar-se agora uma nova contrariedade, que contribuirá para reduzir ainda mais a área cultivada do País, que já estava consideravelmente limitada pelas dificuldades insuperáveis que afectam os lavradores: carestia e escassez da mão-de-obra, aumento do custo das sementes e de todos os encargos inerentes às explorações agrícolas e desactualização dos preços, que não acompanham o surto inflacionista verificado noutros sectores da pro-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

126

dução. A arte de empobrecer alegremente, que noutros tempos definiu o carácter e a finalidade da agricultura portuguesa, acaba por se transformar, nos difíceis tempos que vão correndo, num propósito deliberado de autodestruição por parte dos últimos abencerragens da foice e do arado.

Diário de Lisboa — 5-5-967



Cartas portuguesas

Sr. Director

Minha mulher é professora do ensino primário oficial e pertence, há mais de quinze anos, ao quadro dos professores agregados. Embora haja obtido a classificação de 18 valores e, durante quinze anos lectivos, o seu trabalho tenha sido classificado de bom, ainda não conseguiu ser nomeada efectiva, uma vez que as escolas que lhe permitiram tal acesso ficam fora da cidade do Porto e a distancias que lhe não permitiriam vir a casa todos os dias, situação inaceitável pelo facto de termos três filhos muito novos. Do exposto pode concluir-se que minha mulher não tem qualquer vencimento entre 14 de Julho e o fim de Setembro de cada ano. Isto não invalida o facto de lhe serem feitos descontos relativos aos meses de férias, no primeiro ordenado de cada ano lectivo. Para mais, este ano lectivo, apesar de se ter apresentado, como habitualmente, ao serviço no primeiro dia de Outubro, só veio a receber, em Janeiro, o vencimento daquele mês e de Novembro. Gostaria de saber a opinião das entidades responsáveis acerca desta situação. — Dr. Francisco de Moura — Rua Nova do Regado, 232, 2.º, Porto.

Diário Popular — 5-5-967

Emigração

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

127

meiro lugar.

O número de famílias emigrantes foi de 11 503, abrangendo 34 836 pessoas. O número de famílias que se reuniram, ainda durante o ano de 1965, ao chefe já emigrado, foi de 7 364.

O retorno definitivo a Portugal foi de 1 568 emigrantes, dos quais 1 070 provenientes da Argentina.



População activa portuguesa em França

A origem emigratória, por principais distritos e concelhos, foi a seguinte: distritos de Lisboa, Braga e Porto, respectivamente, com 9 204, 9 050 e 8 856; concelhos de Lisboa, Sabugal e Pombal, com 5 113, 2 719 e 2 205.

Durante o ano de 1965 foram recrutados pela Junta da Emigração, com destino às minas belgas, 16 mineiros, nos concelhos de Esposende (5), Maia (5), Vila do Conde (2) e Vila Nova de Gaia (4).

Quanto à emigração clandestina para França e segundo estatísticas oficiais francesas, ela teria sido, em 1965, de 23 350, sensivelmente igual à emigração legal para o mesmo país, que foi de 24 970. A população activa portuguesa em França foi avaliada em cerca de 146 100 trabalhadores.

Diário Popular, 12-4-967

Moradias

LUANDA, 17 — (L) — Cerca de uma dezena de casas do bairro dos pescadores, na ilha de Luanda, foi, esta madrugada, destruída por um violento incêndio, provocado por um fogareiro de cozinha de uma das moradias.

Os locatários, gente humilde, poucos haveres conseguiram salvar, dado a rapidez com que as chamas tudo calcinaram.

O sinistro, cujo rescaldo continuou até ao princípio do dia, foi combativo e dominado por todas as corporações de bombeiros da cidade, coadjuvados pela Polícia e alguns populares.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

129

Provas enviadas à Censura em
30 de Junho de 1967

Felizmente, não há desastres pessoais a lamentar.

Diário de Lisboa, 18-4-1967

Aspectos do problema do desemprego em Luanda

Um serviço público, ligado directamente aos problemas do trabalho, procedeu, em tempos, a um ensaio com vista a recolher elementos para estudo do nível de desemprego na cidade de Luanda, o qual incidiu sobre 700 indivíduos de várias idades, regiões, habilitações literárias e profissionais, profissões, etc.

Esses dados foram agora apresentados num trabalho de Antunes Valente, publicado no «Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda».

Verifica-se que o inquérito revelou que 80,65% dos desempregados eram solteiros, o que também nos leva a concluir serem de idade jovem as unidades humanas que integram essa elevada percentagem. Na verdade, no capítulo das idades, cifrava-se entre os 15 e os 30 anos, inclusive, 77% dos inquiridos, sendo as maiores frequências as relativas aos de 20 anos (53), 22 anos (44) e 25 anos (44). Visto o problema pelo aspecto da mobilidade geográfica, também esta circunstância está de acordo com o facto universalmente observado de ser a população mais jovem — entre os 18 e os 25 anos — a que, preponderantemente, participa no êxodo rural e alimenta as correntes dirigidas aos meios urbanos. O movimento estabelecido em direcção à cidade de Luanda encontra os seus pontos de partida não só nas várias regiões do distrito respectivo (41,54%), como, acima de muitos outros, nos distritos de Malanje (22,38%), Quanza-Norte (11,75%), Uíge (4,18%) e Quanza-Sul (2,89%), precisamente as zonas mais próximas e cujas forças de repulsão ou centrífugas são alimentadas pelo grandioso pólo de desen-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

130

Provas enviadas à Censura em
30 de 6 de 1967



volvimento que é a capital angolana. Esta
exibe, de forma relevante, um conjunto de
satisfações ambicionadas pelos trabalha-
dores (tempos livres, distrações, movi-
mento e cor, conforto, acesso a actividades
profissionais) que, aliadas a outros factores
não menos importantes, como o «desejo de
ter um ofício» e a preocupação de asse-
gurar o «futuro», se conjugam para levar
os rurais ao abandono dos campos e da
actividade primária que os absorve em
benefício dos centros urbanos onde pro-
curam a todo o custo, com ou sem êxito,
a elevação do nível de vida e posição
social para si e seus familiares mais próxi-
mos. Que a sua formação cultural e pro-
fissional não é de molde a essa mão-de-obra
ser absorvida nos sectores secundário
e terciário que predominam em Luanda está
a prová-lo o nível reduzido de habilitações
literárias e qualificações profissionais exi-
bido pelos inquiridos. Na verdade, 5,60%
eram analfabetos, 4,80% sabiam apenas
ler e escrever; 72,43% estavam habili-
tados com classes da instrução primária;
0,64% tinham sido admitidos ao ensino
comercial e liceal; 10,57% tinham com-
pletado anos do ensino liceal; 2,08%
tinham os três primeiros anos do ensino
comercial; 2,56% tinham frequentado vários
anos do ensino industrial ou possuíam
cursos de carpintaria e montador eléctrico;
0,80% exibiam, incompletamente, o curso
dos seminários; finalmente, 0,48% possuíam
cursos completos de dactilografia, pueri-
cultura e química.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Diário de Lisboa, 22-1-1967

Acção Viril e Informação Subserviente

Luanda, 27 — (L.) — A missão do Centro
de Informação e Turismo de Angola,
as suas características e suas funções espe-

13A



cíficas, foram criteriosamente analisadas pelo governador-geral da Província, durante a cerimónia da posse do novo director daquele organismo.

O C. I. T. A. é um organismo com características especiais, que tem funções cujo bom cumprimento é essencial para o momento que se atravessa — declarou o tenente-coronel Rebocho Vaz.

Dirigindo-se ao empossado exortou-o a dinamizar a situação dos seus departamentos, tirando rendimento das pessoas e dos restantes meios existentes.

E doutro passo disse:

— Tem V. Ex.º de ser servido por funcionários idóneos, interessados e competentes. E isso só será possível através de remuneração adequada, que os torne independentes de outras solicitações, tão fáceis de obter em organizações similares privadas».

O governador-geral referiu-se ainda às relações entre os sectores oficial e privada da informação, sublinhando: «O respeito mútuo, a lealdade nas relações e a justiça na difusão das informações das estancias oficiais para com as particulares, serão fundamento para uma excelente maneira de viver. Depois de acentuar que «uma acção viril» dos meios privados da informação não significa de modo algum «falta de colaboração», o tenente-coronel Rebocho Vaz concluiu que «uma informação amorfa, frouxa e subserviente não interessa muito à Administração Pública, nem a quem exerce funções de Governo».

Diário de Lisboa, 28-4-67

Esta Raça Parasitaria

Noticiaram os jornais sobre a grande batalha que se travou entre ciganos espanhóis e portugueses em Cevide (Melgaço).

Os ciganos espanhóis acampados do outro lado do rio Minho, atravessaram a raia e atacaram os camaradas portugueses



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

EBL

Provas enviadas à Censura em

30 de Junho de 1967

acampados em terras de Portugal. Na luta que se travou selvaticamente, tomaram parte homens e mulheres. Alertada a G. N. R., os contendores fugiram todos.

A guerra foi feita com navalhas e pistolas. Dispararam mais de vinte tiros. Alguns dos espanhóis foram presos pela Guarda Civil e levados para a cadeia de Gañiza.

Feita a resenha da briga, tão cruel e trágica, foi verificado ter morrido um dos gitanos atingidos por duas balas de pistola. Recolheram ao hospital três feridos, gravemente, com navalhadas.

Numa busca ao acampamento, achou a G. N. R. três pistolas e bastantes navalhas de ponta e mola, armas perigosas, sobretudo nas mãos da rufiagem cigana.

Vê o leitor que mais uma proeza a ciganada operou. Afinal para outra coisa não serve esta fans indesejável que não seja a pilhagem, a desordem, o assassinato, as infracções às leis do País. Como de vez em quando se demonstra, os que não têm perigosas navalhas, têm pistolas sem possuírem a necessária licença.

Oxalá que a Justiça encontre neste caso, e em todos, matéria crime para condenar os indisciplinados assassinos na pena devida.

Era um bem para o País se esta «raça» parasitária passasse uma grande parte da sua vida na cadeia.

A Rabeca, 25-5-967

O Exemplo Grego

ATENAS, 9 — (A. N. I.) — Será alvejado a tiro quem for apanhado a escrever nas paredes frases antigovernamentais ou a distribuir panfletos contra o Governo — declarou o ministro do Interior, brigadeiro Stylianos Pattakos.

Cinco pessoas foram detidas recentemente no porto de Pireu, por escreverem nas paredes «slogans» contra o Governo, mas ainda não estava em vigor aquela



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

33

determinação, que segundo Pattalos, visa combater a propaganda comunista.

Diário de Lisboa, 10-5-967

São Histórias Assim

Em Vila Verde, ocorreu há dias um enlace de veras singular, dois sexagenários contraíram matrimónio na igreja da Virgem do Sameiro. A singularidade deste enlace reside no facto dos noivos, o sr. José Veloso, de Rendufe, Amares e a sr.^a D. Custódia Soares Pinheiro, de Loureira, Vila Verde, terem namorado nada mais nada menos do que 40 anos. Já por volta de 1926 tinham iniciado o derriço, que durante todos estes longos anos resistiu a todas as contingências e acidentes da vida.

Diário de Lisboa

O Senhor Agente

Um «agente» da P. I. D. E. foi ontem a uma obra na Azinhaga da Fonte para prender um servente que ali trabalha, dizendo-o acusado de furto. O encarregado da obra desconfiou da identidade do «agente» e mandou um operário à esquadra de Benfica contar o que se passava, enquanto atraía o «agente» a outra dependência. Logo veio um guarda de facto que deteve a falsa autoridade e a levou para os calabouços do Governo Civil, onde foi identificado como Agostinho Alves Apolinário.

Diário de Lisboa, 1-5-967



**SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES**

134



Provas enviadas à Censura em

6 de 7 de 1967



Nota de abertura

Em Janeiro deste ano publicou O TEMPO E O MODO o depoimento de Charles Devis, em que este explicava as razões porque decidira abandonar a Igreja Católica. Simultaneamente inseríamos o testemunho de Peter Hebblethwoite e alguns artigos acerca da problemática colocada aos cristãos nesta era post-conciliar.

Esse número provocou reacções positiva e um interesse bastante generalizado. Assim, Mário Brochado Coelho enviou-nos o artigo Obrigado, Charles Devis com que abrimos o presente número, prolongando uma linha de reflexão que gostávamos de continuar. Problemática análoga é a que João Bénard da Costa levanta no artigo Os Silêncios do Vaticano a propósito da recente publicação pela Livraria Moraes Editora do livro de Seal Friedlander... A este fomos buscar a Antologia do presente fascículo, que se integra na mesma ordem de preocupações.

A segunda parte do número inclui uma entrevista de Cesário Borga Martins com um grupo de rurais em que julgamos ter captado um testemunho e uma experiência essencial. Um artigo de Manuel Lucena sobre o centro-esquerdo em Itália mantém-nos na preocupação de obter dados elucidativos para a compreensão de realidades que nos devem interessar.

Numa terceira parte, Eduardo Prado Coelho e Rui Belo assinam dois ensaios literários que podem provocar algumas tomadas de posição necessárias. Com essa intenção, embora de sinal diverso para cada um deles o incluímos.

Dois poemas de M. S. Lourenço e António Ramos Rosa, respectivamente, e um conto de Herberto Helder perfazem as habituais secções de poema e conto do mês. fl-nos particularmente grato reunir estes três nomes, que muitos nós julgam ter aberto na mais recente literatura portuguesa alguns caminhos importantes.

Finalmente, na parte dedicada à actualidade o conflito juden-árabe domina, como era natural e evidente uma crónica de Julio Castro Caldas e uma nota do M. C. H. Completam-na os habituais comentários à lusa actualidade, sob a forma que nos é possível, e uma nota já atrasada sobre Ponto del Este.

O leitor encontra ainda neste número críticas literárias da E, por agora, é tudo. Cremos que não é mau. Mas para breve, para muito breve, algumas surpresas...

SILVIO DE CENSURA
AUTORIZADO (SEDE)
COM GORTES

142